
CAPOEIRA E CÍRCULO DE CULTURA FÍSICA: GINGAS DECOLONIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

CAPOEIRA AND THE PHYSICAL CULTURE CIRCLE: DECOLONIAL GINGAS IN PHYSICAL EDUCATION

Vitor Hugo Marani¹, Ábia Lima de França²

¹ Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, Brasil.

² Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, Brasil.

RESUMO

O presente estudo buscou investigar como a capoeira pode ser tematizada na Educação Física escolar a partir do círculo de cultura física, contribuindo para uma educação crítica comprometida com a decolonialidade e com a valorização de saberes afro-diaspóricos. Trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa, do tipo relato de experiência, construída a partir das reflexões e práticas desenvolvidas nos Grupos de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM) e Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG). O texto organiza-se em dois momentos: inicialmente, discutimos a capoeira como prática cultural afro-brasileira que articula jogo, luta e dança, forjada na resistência negra e historicamente marginalizada nos currículos escolares. Em seguida, apresentamos a proposta do círculo de cultura física, estruturado em quatro etapas interdependentes: leitura empírica e contextual, tematização e sensibilização, experimentação e problematização e ação dialógica criadora. A análise evidenciou que a capoeira, ao ser articulada a essa metodologia, ultrapassa abordagens técnicas, permitindo sua compreensão em meio às relações de poder social. Conclui-se que a proposta potencializa o reconhecimento da capoeira como pedagogia decolonial na Educação Física, abrindo caminhos para um ensino comprometido com a crítica à modernidade e à colonialidade de saberes.

Palavras-chave: Decolonialidade. Estudos Culturais Físicos. Círculo de Cultura.

ABSTRACT

The present study sought to investigate how capoeira can be thematized in school Physical Education through the methodology of the physical culture circle, contributing to a critical education committed to decoloniality and the valorization of Afro-diasporic knowledge. This is an exploratory, qualitative study, in the form of an experience report, built upon the reflections and practices developed within the Research Group Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM) and Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG). The text is organized into two parts: first, we discuss capoeira as an Afro-Brazilian cultural practice that intertwines game, fight, and dance, forged in Black resistance and historically marginalized within school curricula. Next, we present the proposal of the physical culture circle, structured in four interdependent stages: empirical and contextual reading, thematization and sensitization, experimentation and problematization, and creative dialogical action. The analysis showed that capoeira, when articulated with this methodology, goes beyond technical approaches, allowing its comprehension within broader relations of social power. We conclude that this proposal strengthens the recognition of capoeira as a decolonial pedagogy in Physical Education, opening pathways for teaching committed to the critique of modernity and the coloniality of knowledge.

Keywords: Decoloniality. Physical Cultural Studies. Cultural Circle.

Introdução

Este estudo toma como referência a capoeira que é uma prática cultural afro-brasileira, reconhecida em sua condição ambivalente de jogo, luta e dança, forjada na resistência negra. Nessa perspectiva, entendemos a roda de capoeira como local em que sujeitos acessam saberes decoloniais e tensionam hierarquias epistêmicas da modernidade/colonialidade. É nesse jogo de forças que a ginga se revela como gesto de resistência, movimentando o corpo em diálogo com o outro e tensionando as fronteiras entre opressão e liberdade, ataque e defesa. Nesse movimento, a ginga produz brechas para outras formas de existir na educação física brasileira.

A escolha por tematizar tais categorias é resultado de provocações que emergiram da nossa participação no projeto de pesquisa “Desafios decoloniais em cultura física: atravessamentos étnico-raciais, de gênero e classe social” coordenado pela Profa. Dra. Larissa Michelle Lara. A partir da partilha de conhecimentos nesse espaço, passamos a interrogar processos pedagógicos da/na Educação Física, identificando como discursos da área ainda reproduzem lógicas coloniais em diferentes temas de ensino. Esse movimento nos levou a buscar estratégias capazes de tensionar tais estruturas, valorizando saberes outros e construindo caminhos para uma pedagogia comprometida com o reconhecimento das assimetrias de poder e com as possibilidades de subvertê-las. Daí nosso engajamento na investigação da capoeira como experiência pedagógica capaz de instaurar outras narrativas sobre corpo e diferença, rompendo com a lógica da história única¹.

É nesse ponto que situamos nossa contribuição: ao propor o círculo de cultura física como metodologia, buscamos potencializar um espaço dialógico, participativo e crítico em que a capoeira se torne experiência de leitura e transformação do mundo, e não apenas de reprodução de gestos. O círculo de cultura física traduz-se como abordagem teórico-metodológica inspirada no círculo de cultura freireano. Ainda que dialogue de forma basilar com a proposta de Paulo Freire, concebida na década de 1960 em um contexto marcado pela exploração do trabalho e pela necessidade de alfabetização política, o círculo de cultura física assume perspectivas próprias, adequadas às urgências da sociedade contemporânea, potencializada pelas contribuições dos estudos decoloniais²⁻⁵ e dos Estudos Culturais Físicos⁶ (ECF), que ampliam o escopo crítico e atualizam a linguagem, superando limitações da terminologia freireana. Assim, ao articular capoeira e círculo de cultura física, propomos que a Educação Física brasileira reconheça a potência decolonial dessa prática, tensionando o currículo e instaurando pedagogias que afirmam dignidade, pluralidade e justiça social.

Para esse exercício reflexivo, construímos escritas inspiradas nos ECF, em especial nas produções que ressaltam, a partir de lentes feministas e de aspectos autorreflexivos, a incorporação das identidades autorais no texto como estratégia política que reconhece as posições que nós – autor e autora – ocupamos nas redes de poder da pesquisa. Demarcamos nossas identidades a partir de nossas vivências na Educação Física: um homem gay, interessado pelas dimensões dançantes, nascido no início da década de 1990 no sul do Brasil; e uma mulher heterossexual, mãe, capoeirista desde 2006, nascida no final da década de 1980 no nordeste brasileiro. Ambos brancos, cisgêneros, sem deficiência, de classe média, atuantes como professores/as e pesquisadores/as em contextos regionais distintos, somos impulsionados por estudos socioculturais do corpo e da cultura física.

A partir dessa perspectiva situada, lutamos e almejamos por uma educação libertadora e conscientizadora, inspirada nos escritos de Paulo Freire, comprometida com a justiça social, o tensionamento das fronteiras epistêmicas e a valorização de saberes decoloniais no interior da Educação Física brasileira. Em decorrência desse compromisso, temos buscado produzir, junto aos processos educativos em que atuamos – tanto na educação básica quanto no ensino superior, com futuros/as professores/as de Educação Física – locais de identificação, análise e intervenção das relações de poder que emergem das hierarquias de gênero, sexualidade, raça/etnia, deficiência e outros marcadores sociais, tal como os ECF destacam em suas produções científicas.

No contexto educacional brasileiro, esse compromisso é reforçado por políticas públicas que buscam enfrentar desigualdades históricas, reconhecendo seu valor cultural, pedagógico e histórico⁷, a exemplo das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Essas legislações representam marcos importantes ao tornar obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena em todos os níveis da educação básica. De igual modo, ampliaram a possibilidade de tematizar as questões raciais e étnicas no currículo, inclusive na Educação Física, e tensionaram o papel da escola enquanto espaço de valorização das culturas historicamente marginalizadas.

Como professores/as, trabalhamos com esses referenciais, mas buscamos também articular com outros marcadores sociais da diferença – gênero, sexualidade, deficiência, classe social – numa perspectiva interseccional e decolonial.

Nesse universo, a capoeira ocupa lugar privilegiado: expressão afro-brasileira forjada na diáspora, que sintetiza jogo, luta e dança, mas também resistência, memória e criação coletiva⁸. Entretanto, a produção acadêmica da Educação Física tem frequentemente destacado que, no contexto escolar, a capoeira costuma estar associada a aspectos técnicos ou folclóricos⁹, relegando a segundo plano suas dimensões decoloniais e políticas¹⁰. Emerge, assim, a proposição de um modo de tematizar a capoeira no currículo não apenas como conteúdo, mas como experiência crítica, atravessada por saberes que demarcam essa manifestação cultural como forma de combate ao projeto expansionista europeu, fazendo do corpo arma de libertação contra o sistema escravista e seus dispositivos coloniais¹¹.

A colonialidade, ao contrário da colonização, ultrapassa o período colonial e segue atuando mesmo após independências políticas e abolições formais. Ainda que um país se torne independente, valores estéticos, éticos e políticos permanecem ancorados em fundamentos coloniais, naturalizados e incorporados às estruturas sociais, manifestando-se em hierarquizações internas. Em contraposição, autores/as latino-americanos/as como Aníbal Quijano², Walter Mignolo⁴, Nelson Maldonado-Torres³ e Catherine Walsh⁵ vêm desenvolvendo a perspectiva da decolonialidade, que busca compreender e transformar a realidade social dos países periféricos a partir da superação da matriz colonial de poder, presente tanto nos modos de produção de conhecimento quanto nas esferas políticas e econômicas. Para pensar fora dessa matriz, é fundamental reconhecer “os pontos de vista produzidos a partir das experiências vividas e que contribuem com a proposição de mundos mais justos e humanos”^{12; 140}.

A capoeira, nesse contexto, fundamenta-se nos saberes africanos e articula-se com elementos ritualísticos e da cosmovisão africana, como ancestralidade, oralidade, ritualidade, memória coletiva e presença comunitária. Esses elementos constituem práticas educativas que, ao serem vivenciadas, promovem resistência à colonialidade/modernidade. É luta/dança que se materializa nos campos simbólico, existencial e organizacional, afirmando o existir e reexistir de sujeitos pertencentes a comunidades negras e periféricas, que enfrentam cotidianamente o abandono do Estado, o racismo, o machismo, a homofobia e o epistemicídio¹³.

Partindo desse referencial, o nosso estudo buscou investigar como a capoeira pode ser tematizada na Educação Física escolar a partir do círculo de cultura física, contribuindo para uma educação crítica comprometida com a decolonialidade e com a valorização de saberes afro-diaspóricos. Para isso, estruturamos uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa¹⁴. Nossa investigação será organizada em dois tópicos: (1) Capoeira na educação: entre jogo, dança e lutas; e (2) Círculo de cultura física: uma proposta para gingas de resistência na Educação Física. Esperamos, com isso, colaborar para impulsionar discussões e práticas decoloniais no âmbito da cultura física – e também para além dela.

Capoeira na Educação Física: entre jogo, dança e luta

A história da Educação Física no Brasil é marcada por fortes influências médicas e militares, oriundas das áreas biológicas e da saúde. Essas influências sustentavam uma visão cartesiana, baseada na separação entre sujeito e objeto¹⁵. Nesse contexto, expressões populares, como a capoeira, eram marginalizadas, criminalizadas e excluídas do espaço escolar, justamente por tensionar a ordem disciplinar e racionalista que se buscava instaurar. Esse cenário começa a se modificar nas décadas de 1970 e 1980, quando emergem movimentos renovadores no campo da Educação Física, alinhados ao movimento ‘humanista’ na pedagogia. Essa renovação foi caracterizada pela valorização de princípios filosóficos centrados no

indivíduo, sua identidade e seu valor, fundamentando-se nos limites e interesses do ser humano¹⁶.

As propostas pedagógicas que se desenvolveram nesse período – como as abordagens desenvolvimentista, de educação para a saúde, psicomotora, crítico-superadora e crítico-emancipatória – passaram a compreender a Educação Física como possibilidade de transformação social. Com isso, o objeto da área foi sendo ressignificado e voltado para o estudo da cultura corporal¹⁵. Esse deslocamento abriu caminho para a tematização de práticas historicamente silenciadas, ainda que de modo desigual.

Nesse horizonte, ganha força a perspectiva do currículo cultural da Educação Física, que se configura como uma arena de disseminação de sentidos e de produção de identidades, orientada para a análise e interpretação entre culturas e a partir delas. Trata-se de uma concepção que busca identificar e questionar as relações de poder que, historicamente, impediram o reconhecimento das diferenças. Os estudos culturais, nesse sentido, não apenas reconhecem a diversidade, mas problematizam os aparatos e mecanismos sociais que a produzem e sustentam¹⁷. Ao assumir tal concepção, a Educação Física se torna espaço de resistência, em que práticas como a capoeira podem ser reconhecidas em sua densidade política, estética e cultural.

Nessa chave, a capoeira se afirma como uma expressão que ultrapassa sua condição ambivalente de jogo, luta e dança, revelando-se como rito de rebeldia e desobediência. Ela manifesta as contradições advindas da colonialidade, ao mesmo tempo em que propõe um engajamento político-estético que atualiza memórias ancestrais e coletivas¹⁸. Trata-se ainda de uma prática formativa que contribui para a preservação e valorização de um patrimônio cultural, sendo, portanto, um importante instrumento educacional no sentido crítico e de resistência.

Quando se observa a produção acadêmica sobre práticas pedagógicas na capoeira, destacamos um estado da arte que identificou 5.192 artigos publicados em sete periódicos nacionais entre 2013 e 2017¹⁰. No campo da Educação Física, destacam-se as contribuições que discutem sobre a inserção e a relevância da capoeira nas escolas e no contexto da disciplina^{19, 20, 21}. Certos estudos^{22, 23} problematizam a estruturação da capoeira como conteúdo da Educação Física escolar e propõem estratégias de intervenção. Outras investigações voltam-se ao processo de pedagogização da capoeira, com ênfase na formação de professores/as de Educação Física para atuar com essa manifestação cultural no ambiente escolar^{24, 25}. Embora esses trabalhos apontem avanços, os próprios autores/as concluem que, mesmo a capoeira ocupando lugar de destaque entre as lutas, sua dimensão pedagógica ainda não se consolidou como eixo privilegiado de investigação²⁶.

Apesar dessas contribuições relevantes, observamos poucos estudos que tematizam a capoeira a partir de uma perspectiva decolonial^{27, 28}, notadamente, a partir de uma estrutura didático-pedagógica na educação física. Algumas pesquisas reconhecem pontualmente o legado africano em sua origem, mas essa referência não se desdobra em uma análise sobre as relações de poder, a colonialidade do saber ou as possibilidades de uma pedagogia de resistência ancorada em epistemologias afrodiáspóricas. Essa ausência não é trivial, pois revela o quanto a Educação Física, mesmo em abordagens críticas, ainda hesita em assumir a capoeira como prática que interpela diretamente os processos de racialização e as hierarquias coloniais.

A capoeira, entretanto, constitui-se historicamente como instrumento de luta e recurso de emancipação das minorias sociais²⁸. Por intermédio do corpo em movimento – na ginga, nos golpes de ataque e defesa, nos floreios, nos cantos, no toque dos instrumentos, nos jogos e nas rodas – emergem saberes que integram processos de ensino e aprendizagem ligados à tradição ancestral afrodiáspórica. Sob uma perspectiva educativa, a capoeira pode atuar como instrumento de conscientização²⁹, contribuindo para a formação de sujeitos emancipados. Enquanto manifestação cultural, possibilita o aprendizado de valores sociais e incentiva a construção de soluções críticas diante dos conflitos cotidianos³⁰.

Diante desse panorama, reafirmamos que a capoeira, embora já tematizada em diferentes perspectivas na Educação Física, ainda carece de abordagens que a reconheçam como prática decolonial e pedagógica de resistência. Essa lacuna aponta para a necessidade de metodologias capazes de tensionar as hierarquias coloniais que atravessam tanto a produção acadêmica quanto o cotidiano escolar. É nesse horizonte que situamos a proposta do círculo de cultura física: uma abordagem que, inspirada em Paulo Freire e atualizada pelos Estudos Decoloniais e pelos ECF, abre espaço para práticas dialógicas, participativas e críticas. Por meio dele, a capoeira pode ser tratada não apenas como conteúdo curricular, mas como experiência formativa que preserva e atualiza a memória coletiva, valoriza saberes subalternizados e cria possibilidades de transformação social.

Círculo de cultura física: uma proposta para gingas decoloniais na Educação Física

O círculo de cultura física voltado ao ensino crítico da capoeira no contexto escolar que ora propomos é inspirado no círculo de cultura presente na pedagogia freireana³¹. Partimos da concepção de círculo, criado por Paulo Freire na década de 1960, como alternativa ao ensino bancário, por meio de encontros com vistas à leitura crítica da realidade, à problematização coletiva e à práxis transformadora rumo à uma educação política³¹. Embora tenha sido estruturado para um contexto histórico específico, qual seja, de alfabetizar trabalhadores/as em um Brasil marcado por desigualdades e opressão de classe, entendemos que tal estrutura contribui, conforme anunciado na introdução deste texto, para o desenvolvimento de ações pedagógicas críticas na educação física.

Nessa dinâmica, buscamos atualização do círculo diante da complexidade das opressões contemporâneas e que já foram denunciadas nas dimensões histórico-culturais da capoeira^{30, 32-35}, notadamente, a partir de dois sentidos: a) a expansão do círculo para a dimensão corpórea, daí o acréscimo do termo 'físico', para centralizar o corpo como chave ontológica e epistemológica e como *locus* de política, prática e produção de sentidos atravessado por relações de poder, discursos e contextos, sendo sempre dialético e articulado culturalmente, e não uma instância neutra ou meramente biológica³⁶; b) a ampliação do círculo também implica deslocar-se de uma centralidade da consciência de classe para reconhecer outros marcadores sociais da diferença, como gênero, raça/etnia, sexualidade, deficiência, territorialidade, entre outros, de modo a tensionar narrativas hegemônicas e denunciando práticas que invisibilizaram corpos e saberes coloniais³⁷.

Logo, pensar o círculo de cultura física em perspectiva decolonial significa articular a prática pedagógica à escuta radical desses sujeitos, compreendendo que gênero, raça/etnia e outros marcadores atravessam de forma constitutiva a experiência corporal e a produção de sentidos. Resultado desses pressupostos, o círculo intenta produzir interpretações e experiências que desafiem o patriarcado, o racismo estrutural, a heteronormatividade e outras formas de opressão que operam de forma interseccional³⁸, e a partir de modelos coloniais, conforme denunciado anteriormente²⁻⁵. Assim, nosso esforço é articular a pedagogia freireana a essas contribuições, reposicionando o círculo de cultura física como prática pedagógica capaz de interrogar as hierarquias que atravessam a capoeira na educação física.

A estruturação desse círculo foi desenvolvida também em roda, por meio de integrantes dos Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM) e Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG), a partir de quatro etapas: (1) leitura empírica e contextual, (2) tematização e sensibilização, (3) experimentação e problematização e (4) ação dialógica criadora. Essas etapas são entendidas como momentos pedagógicos que se entrelaçam e que podem assumir diferentes configurações de acordo com o contexto. No decorrer do texto, cada uma delas será apresentada em sua fundamentação teórica e em suas implicações pedagógicas, de modo a explicitar seus vínculos com a capoeira e com a perspectiva decolonial aqui

assumida. Ao final, apresentamos uma síntese que pode auxiliar na visualização conjunta da proposta, sem reduzi-la a uma mera prescrição.

A primeira etapa, denominada leitura empírica e contextual, tem como ponto de partida a crítica freireana à educação bancária, que concebia os sujeitos como recipientes vazios a serem preenchidos pelo/a professor/a. Em oposição a essa lógica, Paulo Freire³¹ defendeu que qualquer processo educativo crítico deve emergir do universo vocabular dos/as participantes: daquilo que já sabem e vivem em suas realidades concretas. Inspirados por essa perspectiva, mas atualizando-a em chave decolonial, compreendemos que mapear os saberes dos sujeitos não é apenas um gesto de reconhecimento, mas um ato político de legitimação de narrativas e experiências historicamente silenciadas. O círculo de cultura física, portanto, inaugura-se pelo reconhecimento de que a comunidade que se reúne já possui repertórios, memórias e práticas que constituem um patrimônio epistemológico.

Nesse sentido, a leitura empírica não se limita à coleta de informações sobre a capoeira, mas busca tensionar quais histórias são narradas e quais permanecem invisibilizadas. A reflexão sobre o ‘perigo da história única’¹ é potente à medida que pensamos que quando apenas uma versão da história da capoeira circula, seja a narrativa da criminalização no Brasil republicano, seja a versão folclorizada como dança nacional, corre-se o risco de reduzir a complexidade da prática e negar os múltiplos sentidos que ela assume em diferentes contextos. Assim, a etapa inicial do círculo se coloca como espaço de confronto de narrativas: que capoeira conhecemos? Quais memórias familiares estão presentes? E, sobretudo, quais vozes foram silenciadas na transmissão dessa história?

Ao mesmo tempo, a leitura empírica e contextual precisa ser situada em um horizonte decolonial. Isso significa compreender que os saberes sobre a capoeira estão atravessados por relações de poder forjadas na modernidade/colonialidade, que historicamente classificaram os conhecimentos como legítimos ou ilegítimos². Ao mapear percepções, é fundamental interrogar como marcadores sociais da diferença - raça/etnia, gênero, classe, geração, sexualidade - influenciam a forma como os sujeitos acessam e significam a capoeira. A leitura, portanto, se configura como exercício de deslocamento: em vez de projetar categorias externas, o círculo aprende com os sujeitos e suas narrativas, construindo as bases para que as etapas seguintes se realizem em diálogo com a realidade.

Na segunda etapa, o círculo se abre para a tematização e sensibilização. Este segundo momento busca provocar deslocamentos críticos, transformando o já sabido em temas geradores³¹. Como recurso para isso, é possível utilizar, a partir da capoeira, as ladainhas que narram histórias de escravização e liberdade; elementos históricos que celebram a importância dos/as mestres/as e seus ancestrais; os toques do berimbau evocam luta, ginga e resistência. A tematização, nesse sentido, não é mera escolha de conteúdos, mas um exercício estético-político, como manifestação que surgiu como resistência à estrutura colonial, dados os movimentos como “potências para (re)existências, capazes de contribuir com a formação humana e acadêmica, pensada numa perspectiva decolonial e inclusiva”^{27; 1}.

É na estética da roda que a historicidade e a ancestralidade ganham corpo a partir dos movimentos³⁹. Uma cantiga, ao ser entoada coletivamente, pode se transformar em pergunta geradora: ‘o que essa música nos diz sobre desigualdade e liberdade hoje?’. Gravuras do século XIX contrapostas a imagens atuais podem suscitar debates sobre criminalização e resignificação da capoeira ao longo da história. O acesso e a análise do mapeamento das mestras de capoeira, realizado por França⁴⁰ pode contribuir para a visualização de memórias e presenças femininas na capoeira, reconhecendo a importância das mestras para a manutenção da capoeira.

Na experimentação e problematização, o corpo passa ao centro da cena. Já não se trata apenas de refletir sobre a capoeira, mas de experienciá-la como prática que mobiliza memórias, identidades e resistências. Cada elemento - a ginga, o movimento de ataque, defesa, o floreio,

o toque do berimbau e de outros instrumentos - deixa de ser gesto técnico para se tornar ato político³³. Nesse ponto, a prática da capoeira assume estatuto de linguagem pedagógica: ela traduz opressões, mas também anuncia resistências. Na prática, aprende-se o olhar malicioso, a mandinga, a malandragem e outros elementos que compõem uma pedagogia própria e enraizada na experiência⁴¹. No universo da capoeira, o/a praticante é instigado/a valorizar os/as mais velhos/as, respeitar o meio ambiente, ampliar seus olhares e se autoavaliar, tanto na pequena quanto na grande roda, ou seja, tanto na capoeira quanto na sociedade, sem perder de vistas possíveis opressões que ali operam.

Neste momento, os valores civilizatórios afro-brasileiros emergem como chave pedagógica para o debate⁴². A ancestralidade ajuda a perceber a capoeira como continuidade da diáspora africana; a corporeidade reafirma o corpo como território de saber; a cooperatividade se expressa no jogo coletivo e no canto em coro; a oralidade sustenta a transmissão de ladainhas e memórias de mestres/as; e a circularidade encontra ressonância imediata na roda, que é, por excelência, espaço de igualdade e partilha. Além disso, atividades como a inversão de papéis - permitir que mulheres, crianças ou iniciantes assumam o berimbau gunga ou a condução do canto - desestabilizam hierarquias e provocam reflexões críticas. Sequências de gingas e esquivas acompanhadas de metáforas sociais aproximam corpo e vida cotidiana, enquanto diários corporais registram sensações e pensamentos após a vivência. Assim, a experimentação se converte em problematização: aprende-se não apenas capoeira, mas com a capoeira, reconhecendo-a como uma possibilidade de ensino para transgredir, seguindo as reflexões de bell hooks⁴³.

A ação dialógica criadora, por fim, é o momento em que as aprendizagens se traduzem em práticas transformadoras. Aqui, a roda se projeta para além dela por meio de um conhecimento que retorna à comunidade em forma de novas experiências: rodas-manifesto que invertem papéis tradicionais; cantigas autorais que denunciam racismo e sexismo; projetos de extensão que levam a capoeira para escolas e associações de bairros; ou registros coletivos (zines, murais, vídeos) que documentam e partilham o vivido. Importa sublinhar que essa etapa não é ponto final, mas o relançamento, pois, alimenta novos processos de leitura, tematização e experimentação, instaurando uma lógica espiralada de recomeço contínuo a partir de uma pedagogia de reexistência, ao mesmo tempo em que confronta a colonialidade e anuncia outras formas de viver⁵.

Nesse horizonte, a capoeira se afirma como gesto político-estético de resistência e, no contexto educacional contribui para uma pedagogia decolonial que engloba modos de educação historicamente praticados pelos povos colonizados das Américas, configurando-se como resistência tanto ao colonialismo quanto à colonialidade²⁸. Trata-se de proposta que rompe fissuras na lógica moderno/colonial ao construir outras formas de ser e estar, reconhecendo e valorizando saberes, códigos e linguagens das populações historicamente excluídas.

A seguir, buscamos evidenciar como cada etapa do círculo de cultura física se estrutura em diálogo com a capoeira, articulando teoria crítica e práticas pedagógicas baseadas numa pedagogia libertadora. Para fins de síntese e longe de uma prescrição rígida, esta figura organiza as quatro etapas com seus respectivos objetivos e exemplos de estratégias pedagógicas.

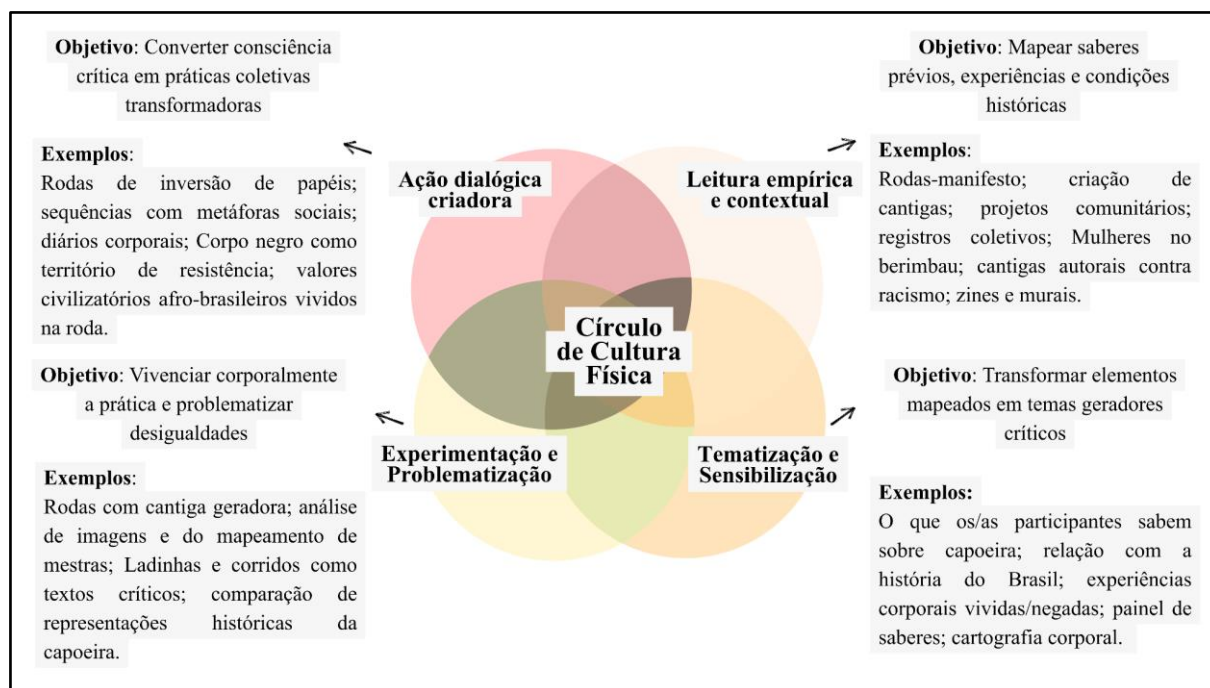


Figura 1. Etapas do círculo de cultura física articuladas à capoeira

Fonte: os autores.

Por fim, o círculo de cultura física propõe uma leitura da capoeira que supera perspectivas meramente técnicas, reposicionando-a como prática política, decolonial e pedagógica. Ao atualizar o círculo freireano em diálogo com interseccionalidade, decolonialidade e ECF, a proposta reconhece os limites da abordagem freireana e avança em sua resignificação para os debates contemporâneos. Assim, o estudo se insere criticamente na literatura existente, assumindo uma posição contundente ao reivindicar a capoeira como prática decolonial, para além da leitura restrita de ‘conteúdo de luta’ no currículo. Assim, chamamos atenção para sensibilidades que consideramos essenciais: a escuta situada e radical, a valorização do corpo e da ancestralidade como territórios de saber, a leitura interseccional das opressões, a articulação entre reflexão e ação e a corresponsabilidade comunitária. Não se trata de um conjunto rígido de princípios, mas de pilares que atravessam cada etapa do círculo e asseguram sua coerência ética, epistemológica e pedagógica. Ao ser articulado com a capoeira, reconhecemos essa prática em sua densidade histórica, política e estética, como pedagogia de resistência e de reexistência no campo da Educação Física.

Considerações finais

O presente estudo buscou investigar como a capoeira pode ser tematizada na Educação Física escolar a partir do círculo de cultura física, contribuindo para uma educação crítica comprometida com a decolonialidade e com a valorização de saberes afro-diaspóricos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, do tipo relato de experiência, ancorada em referenciais da pedagogia freireana, dos ECF e dos estudos decoloniais latino-americanos. A estruturação da análise em torno das quatro etapas do círculo de cultura física permitiu explicitar como a capoeira pode ser tematizada de forma crítica no currículo da Educação Física, superando visões reducionistas que a restringem a conteúdo técnico ou folclórico e afirmando-a como pedagogia viva de resistência e reexistência.

Entre as potencialidades deste trabalho, destacamos a proposição do círculo de cultura física como alternativa metodológica que integra crítica social, ancestralidade e corporeidade, fortalecendo o diálogo entre educação e práticas afro-brasileiras. Acreditamos que tal proposta

amplia as possibilidades de formação docente e discente, ao tensionar fronteiras epistêmicas e promover experiências educativas engajadas com a justiça social. Contudo, reconhecemos limites: o estudo foi desenvolvido em caráter exploratório e carece de maior aprofundamento empírico, por isso, atualmente, círculos de cultura física estão em processo de execução em escolas e comunidades, e análises empíricas mais detalhadas serão apresentadas em futuros trabalhos. Apostamos que esses desdobramentos contribuirão para consolidar a capoeira como experiência pedagógica crítica e decolonial, reafirmando a Educação Física como de análise e intervenção junto às relações de poder social, fortalecendo o diálogo entre educação e práticas afro-brasileiras no interior das orientações curriculares nacionais⁴⁴.

Referências

1. Adichie CN. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras; 2009.
2. Quijano A. Colonialidad y modernidad-racionalidad. *Perú Indíg.* 1992;13(29):11-20. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2026.
3. Maldonado-Torres N. Transdisciplinaridade e decolonialidade. *Soc Estado.* 2016;31(1):75-97. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100005>
4. Mignolo W. Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking. Princeton: Princeton University Press; 2012.
5. Walsh C, editor. Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala; 2013. t. 1.
6. Silk ML, Andrews DL, Thorpe H, editors. Routledge handbook of physical cultural studies. London: Routledge; 2017. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315745664>.
7. Dalto AS, Silva PCM, Pasqua LPM. Capoeira e ações afirmativas: perspectivas e compreensão de docentes de educação física do ensino básico do Rio de Janeiro. *Rev Scias Direitos Hum Educ.* 2025;8(2):368-89. DOI: <https://doi.org/10.36704/sdhe.v8i2.9713>.
8. Assunção MR. Capoeira: the history of an Afro-Brazilian martial art. New York: Routledge; 2005.
9. Vênancio WL, Lemos FRM. Capoeira na educação física escolar: compreensões sobre uma intervenção no ensino fundamental. *Corpoconsciência.* 2023;29:1-22. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.29.e18981>.
10. Búfalo RS, Jesus GB, Impolcetto FM. O “Estado da Arte” da capoeira em periódicos nacionais: ênfase nos estudos sobre práticas pedagógicas. *Pensar Prát.* 2022;25:e71811. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v25.71811>
11. Silva RA da, Flecha LCQC. A mediação da informação e o protagonismo de Mestres da Capoeira Angola como chave no processo de promoção do giro-decolonial. *Liinc Rev.* 2021;17(2):1-25. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i2.5788>
12. Curiel O. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: Hollanda HB de, editor. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais.* 1st ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; 2020. p.124-45.
13. Marinho AF, Mota Neto JC. Pedagoginga: processos educativos e luta antirracista a partir das vivências da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro. *Inter-Ação.* 2024;49(2):1262-77. DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v49i2.79498>.
14. Ludke M, Cruz GB. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. *Form Doc.* 2010;2(3):86-107. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/20>. Acesso em: 29 abr. 2026.
15. Ricardo KH, Silva LO, Wittizorecki ES. Decolonialidade e interculturalidade na Educação Física escolar: aprendizagens possíveis. *Rev Teias.* 2025;26(81):1-14. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2025.82544>
16. Soares CL, Taffarel CNZ, Varjal E, Castellani Filho L, Escobar MO, Bracht V. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez; 1992.
17. Neira MG. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. *e-Curriculum.* 2018;16(1):4-28. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i1p4-28>.
18. Medina Neto L. Cultura de fresta: a capoeira como expressão do batuque na cidade de Campinas sob a perspectiva decolonial [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação; 2024. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1410929>. Acesso em: 29 abr. 2026.
19. Castro Júnior LV, Abib PRJ, Santana Sobrinho J. Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar. *Motrivivência.* 2000;(14):159-74. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>.

20. Melo VTT. A capoeira na escola e na Educação Física. *Motrivivência*. 2011;23(37):190-9. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p190>.
21. Radicchi MR, Falcão JLC. Tensões e conflitos na inserção da capoeira nas escolas de São José, SC: propondo uma análise objetiva e subjetiva do processo em andamento. *Motrivivência*. 2012;24(38):202-16. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2012v24n38p202>.
22. Noronha FDA, Pinto RMN. Capoeira nas aulas de Educação Física: uma proposta de intervenção. *Pensar Prát*. 2004;7(2):123-38. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v7i2.16059>.
23. Souza SAR, Oliveira AABS. Estruturação da capoeira como conteúdo da educação física no ensino fundamental e médio. *Rev Educ Fís UEM*. 2001;12(2):43-50. DOI: <https://doi.org/10.4025/reveducfisiv12n2p43-50>
24. Santos GO, Palhares LR. A capoeira na formação docente de Educação Física. *Pensar Prát*. 2010;13(3):1-14. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v13i3.9076>
25. Silva RM da. Entrando no jogo: reflexões sobre os docentes, acadêmicos e da tradição para pensar o ensino da capoeira na escola [dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação Física; 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/767435a2-9b63-449b-9dc0-d7bcd3a1604>. Acesso em: 28 abr. 2026.
26. França AL de, Marani VH. A capoeira nos cursos de Educação Física: gingas de resistência. *Rev Cocar*. 2025;23(41):1-20. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/10051/4464>. Acesso em: 29 abr. 2026.
27. Lima NST. Capoeira em diáspora: capturas, insurgências e (re)existências por uma educação decolonial e inclusiva. *Perspectiva*. 2021;39(4):1-17. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e67913>.
28. Cordeiro AAS, Araújo SMS. O jogo da capoeira: uma pedagogia decolonial? *EccoS Rev Cient*. 2018;(45):137-54. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n45.8401>.
29. Marani VH, França AL de. Dança, capoeira e interseccionalidade: relatos autoetnográficos e desafios político-pedagógicos. *Rev Divers Educ*. 2023;11(2):133-57. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v11i2.16108>.
30. França AL de. Capoeira & educação: produção do conhecimento em jogo [dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação; 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26945/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20-%20C3%81bia%20Lima%20de%20Fran%C3%A7a%20%28Vers%C3%A3o%20reposit%C3%B3rio%29.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2026.
31. Freire P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1967.
32. Falcão JLC. O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana [tese]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação; 2004. Disponível em: <https://lepel.ufba.br/TESES/O%20JOGO%20DA%20CAPOEIRA%20EM%20JOGO%20E%20A%20CONSTRU%C7%C3%92DA%20PR%C1XIS%20CAPOEIRANA%20-%20JOSE%20FALC%C3O.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2026.
33. Gallep CM. A capoeira angola diversificando a universidade: semeando ecologia de saberes nas artes da cena. *Rev Bras Estud Presença*. 2022;12(3):1-16. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-2660113063>.
34. Gomes WS, Oliveira JS. A capoeira como ferramenta educativa e cultural. *Building the way*. 2022;12(1):252-65. DOI: <https://doi.org/10.31668/buildingtheway.v12i1.13229>
35. Schroeder A, Vieira JRL, Silva MCP. Corpo, cultura e Paulo Freire: a capoeira como possibilidade de uma educação na perspectiva da emancipação humana. *Inter-Ação*. 2017;42(2):538-55. DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v42i2.44066>.
36. Giardina MD, Newman JI. What is this “physical” in physical cultural studies? *Sociol Sport J*. 2011;28(1):36-63. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.36>.
37. Lara LM. Can physical education be decolonial? *J Phys Educ*. 2025;36:e3616. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v36i1.3616>.
38. Crenshaw K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev Estud Fem*. 2002;10(1):171-88. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.
39. Castro Júnior LV. A pedagogia da capoeira: olhares (ou toques?) cruzados de velhos mestres e de professores de educação física [dissertação]. Salvador: Universidade do Estado da Bahia; 2002. Disponível em: <https://www.cev.org.br/media/biblioteca/a-pedagogia-capoeira-olhares-toques-cruzados-velhos-mestres-de-professores-educacao-fisica.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2026.
40. França AL de. Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira [tese]. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade; 2021. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/8e6b7255-7a9b-42ab-8ac3-ae517e465c02>. Acesso em: 28 abr. 2026.

41. Zonzon CN. Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição [tese]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; 2014. Disponível em: https://ppgcs.ufba.br/sites/ppgcs.ufba.br/files/nas_pequenas_e_grandes_rodas_da_capoeira_e_da_vida_corpo_experiencia_e_tradicao.pdf. Acesso em: 28 abr. 2026.
42. Trindade AL da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: Brandão AP, Trindade AL da, editors. Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho; 2010. p.11-5.
43. hooks b. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2013.
44. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Declaração de Disponibilidade de Dados: Os dados que sustentam os resultados deste estudo estão disponíveis no próprio artigo.

Agradecimentos: A coordenadora Larissa Michelle Lara pelo desenvolvimento do projeto de pesquisa ‘Desafios decoloniais em cultura física: atravessamentos étnico-raciais, de gênero e classe social’, processo n. 407669/2023-0.

CRedit author statement

Vitor Hugo Marani: Conceituação, Investigação, Metodologia, Curadoria dos dados, Revisão, Redação e Edição.
Ábia Lima de França: Conceituação, Investigação, Metodologia, Curadoria dos dados, Revisão, Redação e Edição.

ORCID:

Vitor Hugo Marani: <https://orcid.org/0000-0003-0972-5043>
Ábia Lima de França: <https://orcid.org/0000-0002-3087-0731>

Editora: Eliane Regina Crestani Tortola.
Recebido em 30/09/2025.
Revisado em 15/11/2025.
Aceito em 21/11/2026.

Autor para correspondência: Vitor Hugo Marani, vitor.marani@ufg.br